

# Sem governo, passar bem

ANC P 6

mo/512.

Com seus encontrões e surtos de sinceridade, a semana política sugere que os constituintes fariam melhor em reconhecer a anarquia e começar o desmonte da máquina de devorar impostos

*Roberto Benevides*

O deputado José Lourenço, com a autoridade de líder do partido, caprichou no sotaque e anunciou solenemente, logo após a posse do novo ministro da Fazenda:

— O PFL deseja do ministro Bresser Pereira uma política que vá de encontro ao desejo do povo brasileiro.

Ora pois, pois. Os mais cínicos dirão que o gajo tropeçou na língua ao defender claramente uma ação de governo que trombe com o povo. Mas é provável que ele esteja sendo o primeiro político sincero da chamada Nova República.

Afinal, derrotado em 22 dos 23 estados brasileiros nas eleições do ano passado, o PFL do deputado José Lourenço esperneia até hoje para não perder nenhuma boquinha no poder sem dar a mínima bola para a vontade popular. Isto é que é ir de encontro ao desejo do povo.

A nova partilha de ministérios e mordomias brasilienses, desencadeada pelo presidente Sarney depois que o ministro Marco Maciel — tocado pelo instinto de sobrevivência — pediu para cair fora do governo, tem servido para mostrar que quase todos os políticos, do PMDB ou do PFL, guiam-se de verdade pela frase despuddorada de José Lourenço.

Alguns são repentinamente sinceros, como o ministro Aureliano Chaves após levar um chega-pra-lá do governador de Minas Gerais.

— O Newton Cardoso sofre de microcefalia. Para ficar bom, ele tem que trocar o excesso de banha pela escassez de massa encefálica — reagiu o vice-presidente do general Figueiredo, com um diagnóstico que também seria perfeito como autocrítica.

Outros são sinceramente desaforados, como o tripresidente Ulysses Guimarães ao bombardear a indicação de seu colega de PMDB, o governador Tasso Jereissati, para o ministério da Fazenda, com a convicção de quem foi um dos dois ou três eleitores responsáveis pela entronização de ex-presidente do PDS na Presidência da República.

— Perguntem ao cidadão José Sarney — rosou o deputado paulista quando lhe perguntaram se o governador do Ceará seria mesmo o substituto do ministro Dilson Funaro.

A semana política, de fazer inveja a Jô Soares e Chico Anísio, teve outros surtos de sinceridade, como a declaração do governador Orestes Quércia ao abraçar Ulysses no aeroporto de Brasília:

— Estou aqui ao lado do presidente que demite e nomeia ministros.

O presidente Sarney também abriu a alma quando resolveu transferir o ministro Ronaldo Costa Couto do Interior para a Casa Civil, mas não quis correr o risco de desagradar Ulysses e seus amigos mais chegados.

— Ele é filiado ao PMDB? — perguntou, escabriado, sem esquecer que o ministro mineiro, como ele, trabalhou para alguns governos do PDS.

Até o governador Miguel Arraes abandonou a discrição dos últimos tempos para trombetear indignação com a nomeação do **biônico que deu certo**, o pefelista Joaquim Francisco Cavalcanti, para ministro do Interior:

— Considero essa nomeação uma afronta a quem venceu as eleições em Pernambuco. As diretas podem começar por aqui.

Assim, mais uma vez, um espectro ronda o maranhense José Sarney: o espectro das eleições diretas. O coro dos descontentes começa a engrossar, da direita à esquerda: Maluf, muitos

pefelistas, alguns pemedebistas, Brizola, Lula e seu PT já pedem eleições no ano que vem.

Não são poucos também os que ressuscitam o parlamentarismo como proposta, embora a palhaçada dos últimos dias pareça demonstrar claramente que não é fácil um governo parlamentar num país onde não há partidos e o empreguismo é uma espécie de praga nacional.

Enfim, de qualquer ângulo que se olhe, a vida política brasileira lembra a França do final do século passado, observada pelo anarquista Pedro Kropotkin: "Partidários de todos os matiees, gente honesta confundindo-se com ambiciosos; todos apresentando-se com idéias diametralmente opostas, fazendo alianças fictícias para constituir maiorias, disputando, tratando-se de reacionários, de autoritários, de bandalhos, discutindo asneiras, não publicando senão proclamações tonitruantes; tomando-se todos a sério, enquanto a verdadeira força está na rua".

Kropotkin, que nunca trabalhou na Fiesp, tinha uma resposta: "A vida real mostrou que pode muito bem passar sem o governo, aqui como em outra parte. O livre entendimento e a livre organização substituem essa máquina nociva e custosa".

A idéia não é má num país onde as máquinas de governo comem algo em torno de 90% do que arrecadam — sem contar absurdos como o Ceará, que gasta com o funcionalismo 50% a mais do que sua receita.

Nossos constituintes poderiam economizar tempo, dinheiro e paciência nacional, proclamando o que todos já sabem: o Brasil é um país anarquista, só falta assumir e desmontar esta máquina de comer dinheiro.

Os cidadãos serão eternamente gratos.